



ONMP
OBSERVATÓRIO NACIONAL
DA MULHER NA POLÍTICA



UnB

Pesquisa Gênero e Raça nas Eleições de 2022

NOTA TÉCNICA Nº 6

Análise comparada do perfil das eleitas: 2014, 2018 e 2022

Autoras/es: Prof. Dr. Carlos Machado (UnB), Profª Dra Danusa Marques (UnB), Profª Dra Flávia Biroli (UnB), Profª Dra Viviane Gonçalves Freitas (UFMG), Dr. Pedro Paulo de Assis (USP)

Coordenação: Profª Dra Flávia Biroli (UnB)

Câmara dos Deputados
Secretaria da Mulher
Observatório Nacional da Mulher na Política

Coordenação-Geral do Observatório Nacional da Mulher na Política
Deputada Federal Yandra Moura (UNIÃO/SE)

Coordenação dos Eixos Temáticos

Eixo 1 | Violência Política contra a Mulher
Deputada Federal Daiana Santos (PCdoB/RS)

Eixo 2 | Atuação Parlamentar e Representatividade
Deputada Federal Amanda Gentil (PP/MA)

Eixo 3 | Atuação Partidária e Processos Eleitorais
Deputada Federal Tabata Amaral (PSB/SP)

Chefe de Gabinete da Secretaria da Mulher
Ana Cláudia Ellery Lustosa da Costa

Coordenação-Geral de Pesquisa
Ana Cláudia Oliveira

Coleção Estudos em Parceria

Nota Técnica produzida no âmbito da pesquisa Gênero e Raça nas Eleições de 2022, uma parceria entre a Universidade de Brasília e o Observatório Nacional da Mulher na Política.

Coordenação da pesquisa
Prof^a Dr^a Flávia Biroli (UnB)

Revisão da Nota Técnica
Ana Cláudia Oliveira
Cristiane Bernardes
Cyntia Cristina de Carvalho e Silva

Adaptação dos gráficos
Cyntia Cristina de Carvalho e Silva

Pesquisa Gênero e Raça nas Eleições de 2022

Instituto de Ciência Política/Universidade de Brasília

Nota Técnica nº 6

ONMP | Coleção Estudos em Parceria

Análise comparada do perfil das eleitas: 2014, 2018 e 2022

Autoras/es: Prof. Dr. Carlos Machado (UnB), Prof^ª Dr^ª Danusa Marques (UnB), Prof^ª Dr^ª Flávia Biroli (UnB), Prof^ª Dr^ª Viviane Gonçalves Freitas (UFMG), Dr. Pedro Paulo de Assis (USP)

Coordenação: Prof^ª Dr^ª Flávia Biroli (UnB)

Brasília, 30 de abril de 2024

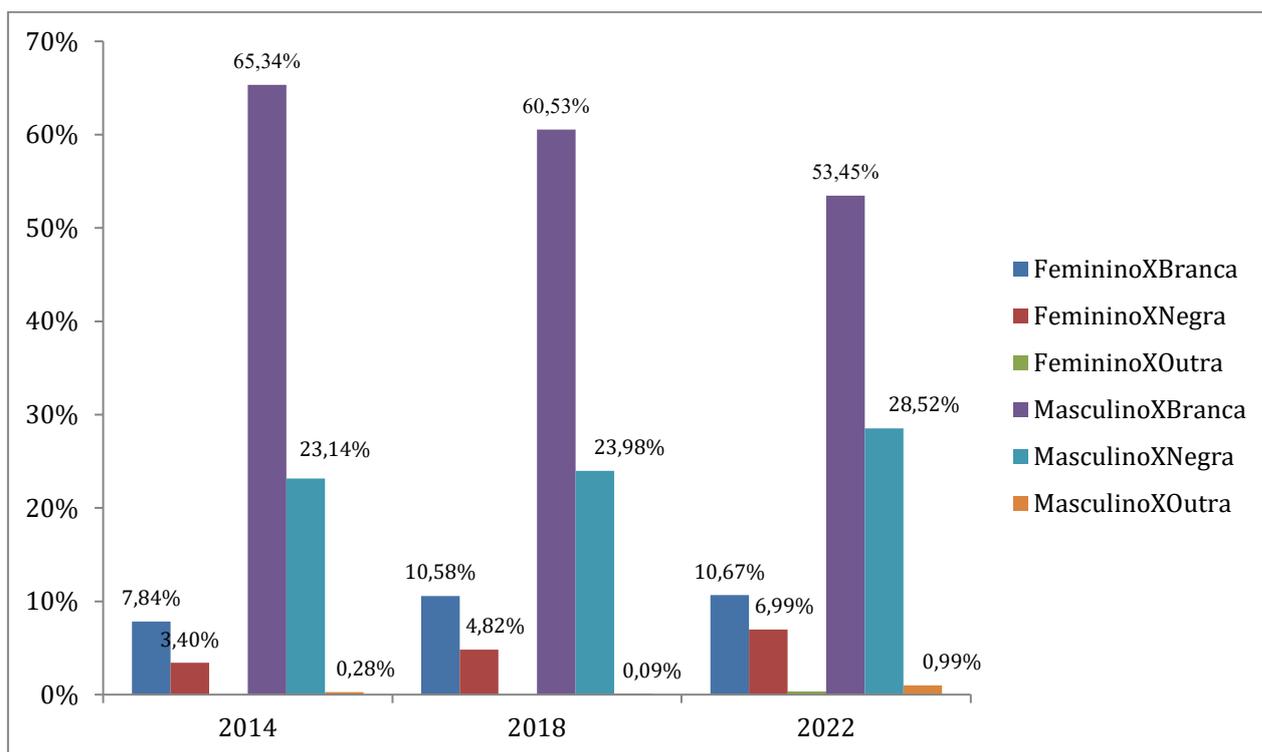
Sumário

1. O perfil de gênero e raça das eleitas	4
2. A taxa de sucesso e o perfil partidário das eleitas, por raça e gênero	8
3. A ideologia das eleitas, por raça e gênero.....	17
4. A disparidade territorial das eleitas, por raça e gênero.....	22

1. O perfil de gênero e raça das eleitas

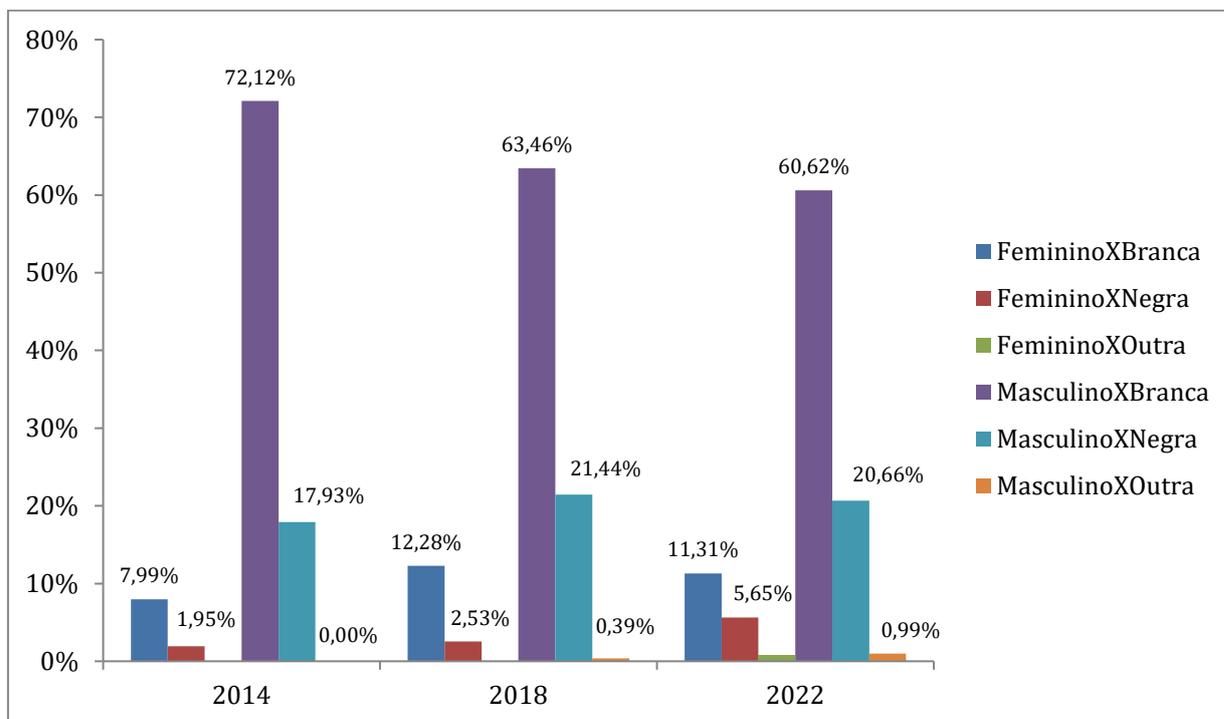
As eleições de 2022 seguem o padrão de ampliação da representação feminina, perceptível ao longo das últimas três eleições. Tal ponto ganha maior relevância quando se considera a estagnação anterior da bancada feminina, desde os anos 1990 até as eleições de 2010. Tão importante quanto este aspecto é a constatação de que essa ampliação trouxe para a política um perfil racialmente mais plural, aspecto evidente tanto para as Assembleias Legislativas estaduais e a Câmara Legislativa do Distrito Federal como para a Câmara dos Deputados. Apesar desse crescimento, que deve ser reconhecido, a representação de gênero e raça no Brasil segue muito distante do que seria desejável para uma sociedade efetivamente democrática.

Gráfico 1 - Proporção de candidatas eleitas para Deputado Estadual por gênero e raça (2014, 2018 e 2022)



Fonte: as autoras, a partir de dados do TSE (13/12/2022)

Gráfico 2 - Proporção de candidatas eleitas para Deputado Federal por gênero e raça (2014, 2018 e 2022)



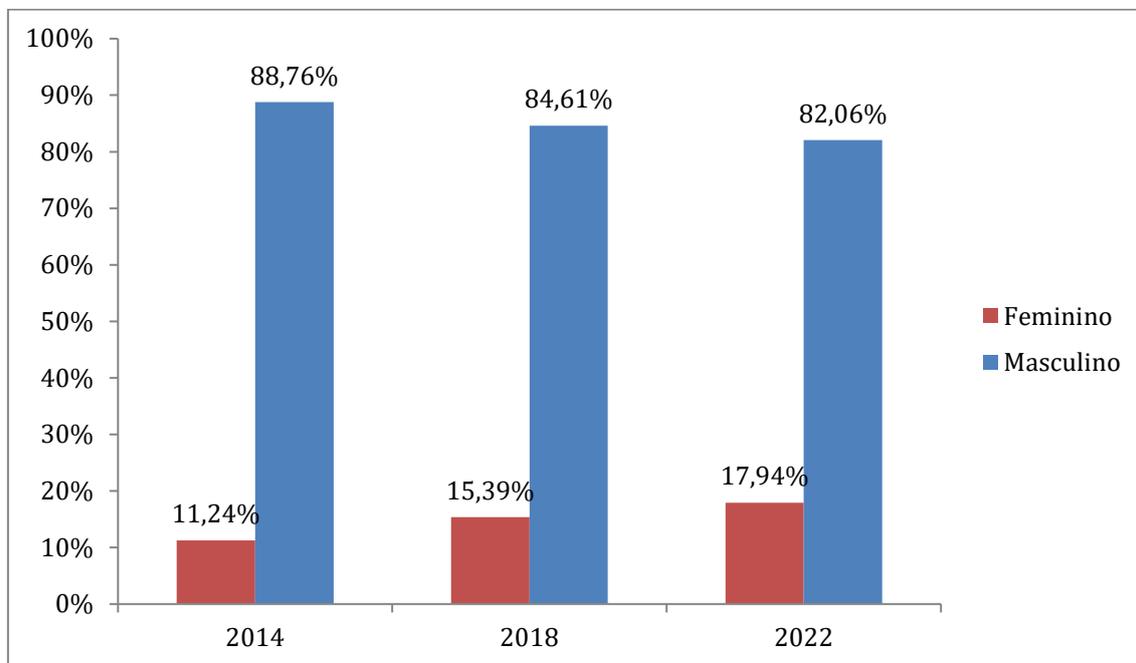
Fonte: as autoras, a partir de dados do TSE (13/12/2022)

Apesar de pequeno, o crescimento da bancada feminina deslocou um conjunto distinto de homens nas eleições estaduais em comparação às nacionais. Nas eleições para deputadas(os) estaduais, nota-se declínio constante de homens brancos, saindo de 65% dos eleitos em 2014, passando por 60% em 2018, e chegando, por fim, a 53% em 2022. Inclusive, é necessário ressaltar, a redução em 2022 não ocorreu apenas pelo deslocamento a favor de mulheres, mas também para o conjunto de homens negros. No caso da Câmara dos Deputados, a variação mais significativa se dá de 2014 para 2018, porém entre 2018 e 2022 a variação é pequena e também há uma redução relativamente ao percentual de homens negros.

Por ser um nível de disputa menos acirrado, as eleições estaduais apresentam-se, possivelmente, como um cenário mais propício ao efeito positivo

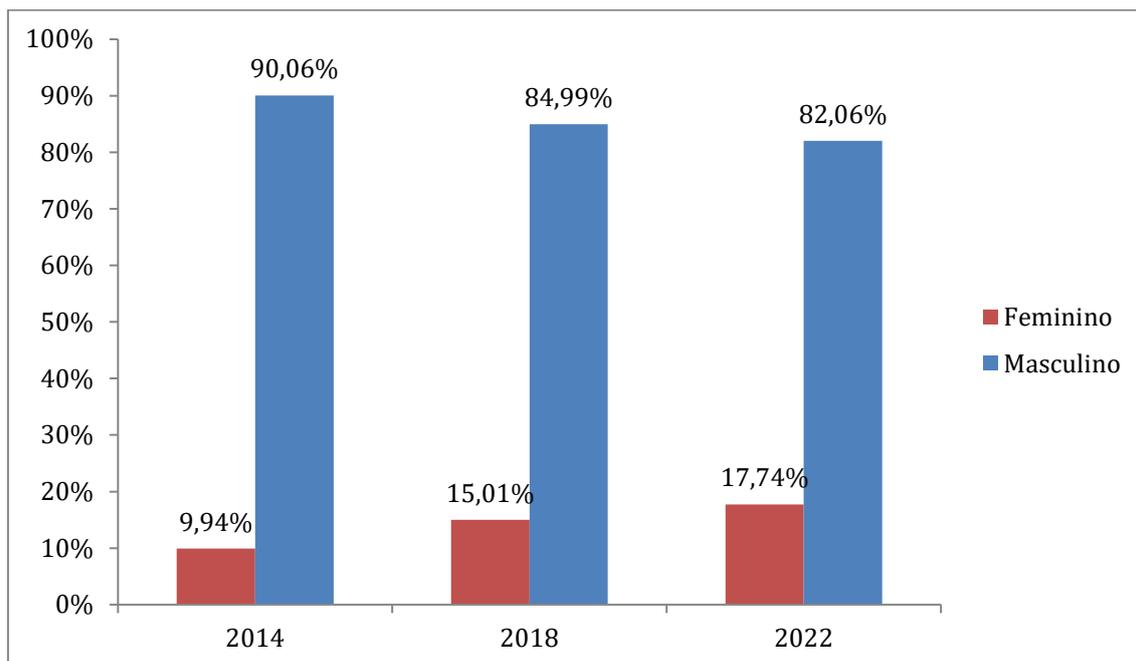
das mudanças no processo eleitoral ocorridas nos últimos anos. Essa observação considera a inclusão de mulheres e pessoas negras na política eleitoral, como está destacada nos gráficos a seguir, por critérios exclusivos de raça e gênero.

Gráfico 3 - Proporção de candidatas eleitas para Deputado Estadual por gênero (2014, 2018 e 2022)



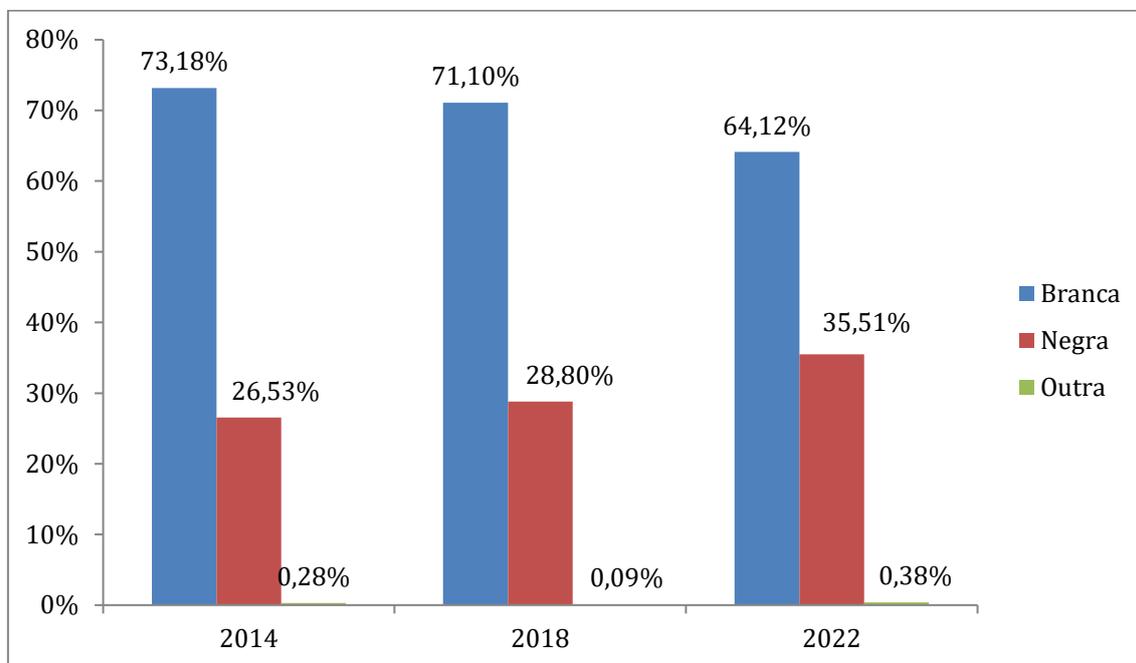
Fonte: as autoras, a partir de dados do TSE (13/12/2022)

Gráfico 4 - Proporção de candidatas eleitas para Deputado Federal por gênero (2014, 2018 e 2022)



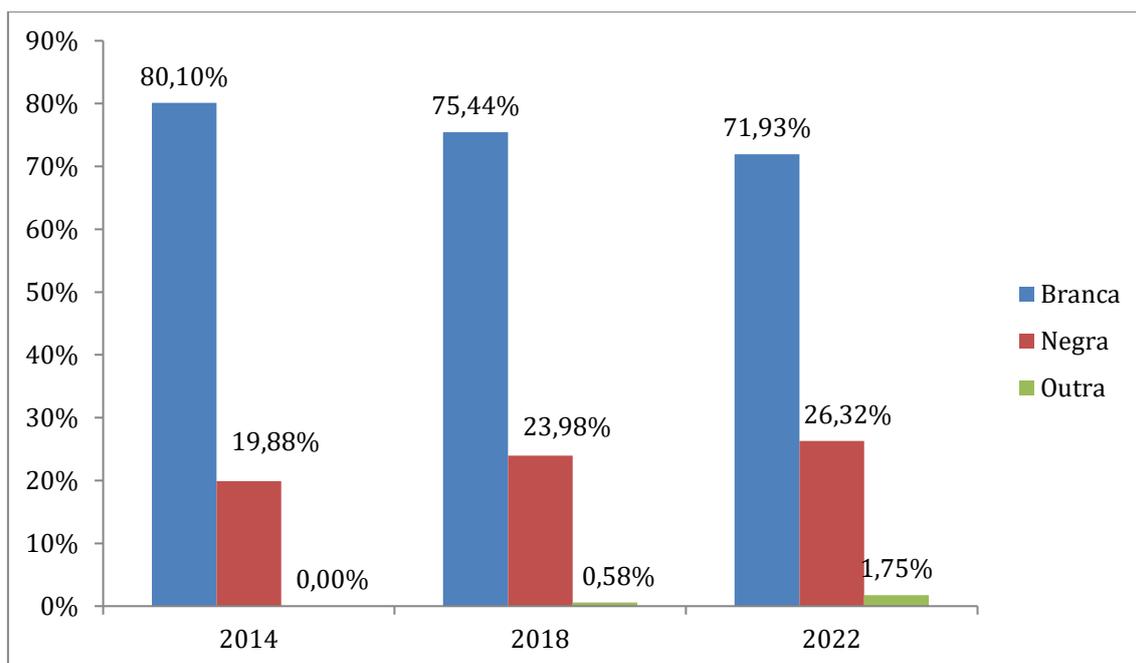
Fonte: as autoras, a partir de dados do TSE (13/12/2022)

Gráfico 5 - Proporção de candidatas eleitas para Deputado Estadual por raça (2014, 2018 e 2022)



Fonte: as autoras, a partir de dados do TSE (13/12/2022)

Gráfico 6 - Proporção de candidatas eleitas para Deputado Federal por raça (2014, 2018 e 2022)



Fonte: as autoras, a partir de dados do TSE (13/12/2022)

Uma explicação para estas variações pode estar na apresentação de candidaturas mais competitivas entre os diversos perfis. Contudo, a análise da taxa de sucesso (a quantidade de pessoas eleitas sobre a quantidade de candidaturas) por variação de perfil racial e de gênero não sustentam essa afirmação, como se verá nas análises desta nota técnica.

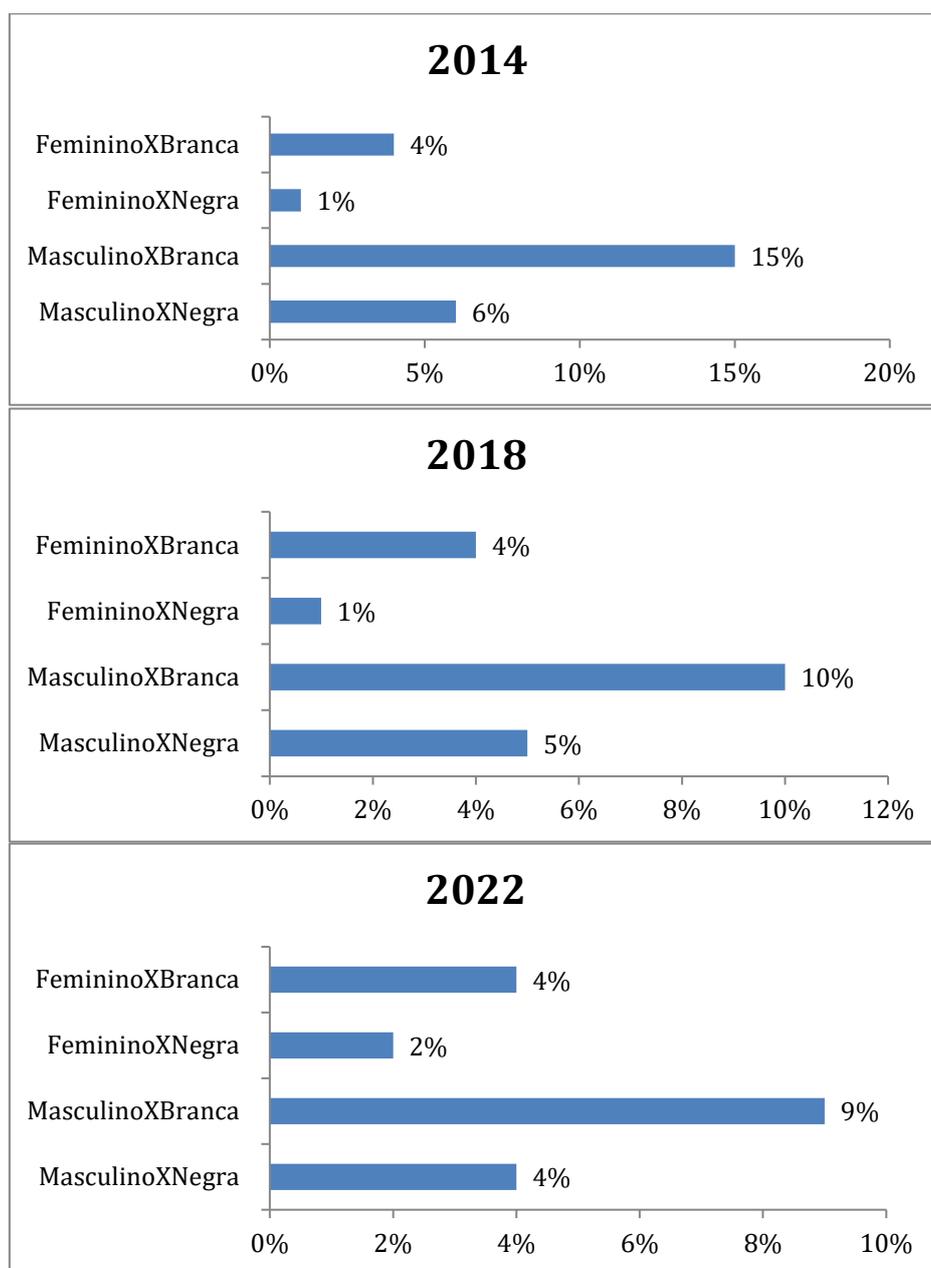
2. A taxa de sucesso e o perfil partidário das eleitas, por raça e gênero

A taxa de sucesso mais alta permanece entre os homens brancos. Seu ápice, nas eleições para a Câmara dos Deputados, foi 15% em 2014, caindo para 9% em 2022. Com relação aos outros perfis, não existem alterações significativas entre as eleições: em média, homens negros apresentaram taxa de 5%, mulheres brancas, 4%, e mulheres negras, 1,3%, com variações abaixo de 1 ponto percentual entre eleições.

Isso indica que não há variação significativa quanto ao perfil geral de sucesso nas eleições, exceto entre homens brancos, que passam a observar um cenário geral de candidatos levemente menos competitivos. Desde 2018, com a extinção das coligações para eleições proporcionais, houve um crescimento do número de candidaturas para deputado/a federal registradas (entre todos os grupos aqui analisados). O maior recrutamento nominal de homens brancos era esperado, dado que estes são as pessoas elegíveis com acesso mais próximo aos âmbitos decisórios dos partidos, que passaram a ter um número maior de vagas disponível para disputa, já que até 2014 o total de vagas era compartilhado pelos vários partidos da coligação¹. Com as pequenas mudanças na taxa de sucesso dos demais grupos, houve uma pequena mudança na sua taxa de sucesso, associada tanto ao crescimento de candidaturas em geral quanto à conquista de cadeiras na Casa por outros grupos.

¹ Em 2014, foram registradas 5811 candidaturas à Câmara dos Deputados; em 2018, foram 7536; já em 2022, foram 10179 candidaturas.

Gráfico 7 – Taxa de sucesso eleitoral de candidaturas à Câmara dos Deputados por gênero e raça (2014, 2018, 2022)



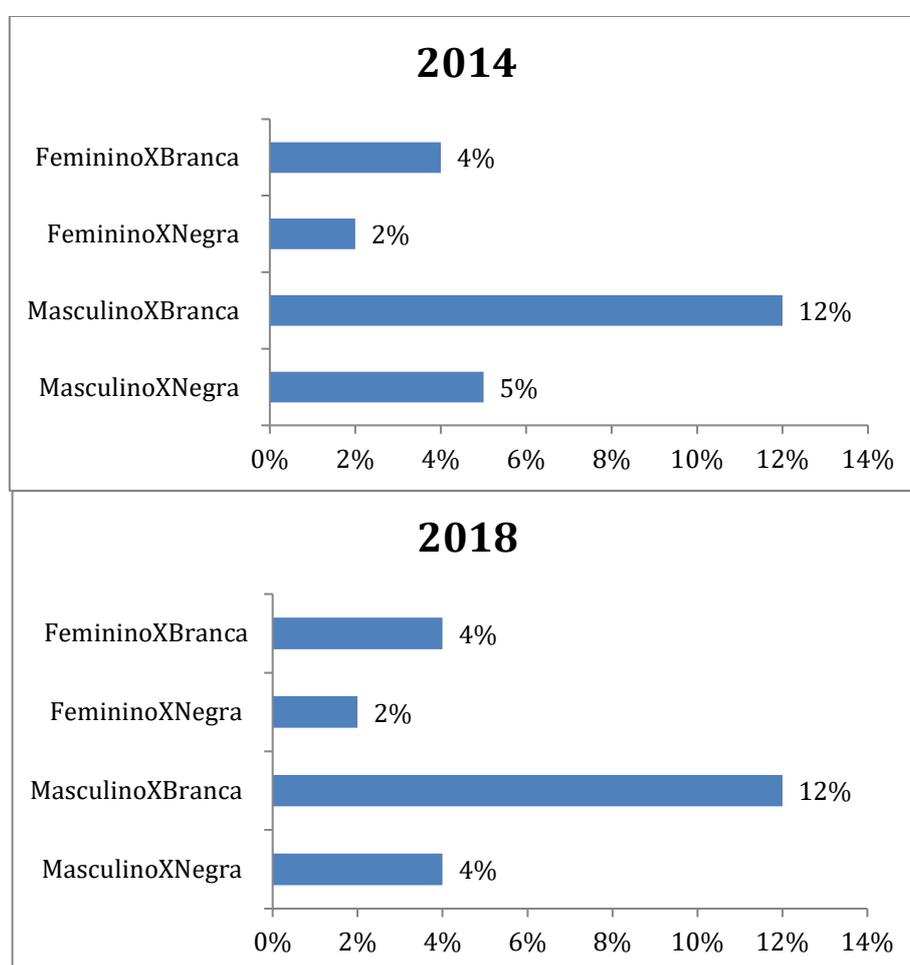
Fonte: as autoras, a partir de dados do TSE (13/12/2022)

É importante notar que a ampliação da participação das mulheres como candidatas (no número de candidaturas), em particular a de mulheres negras, não alterou significativamente as chances eleitorais das mesmas.

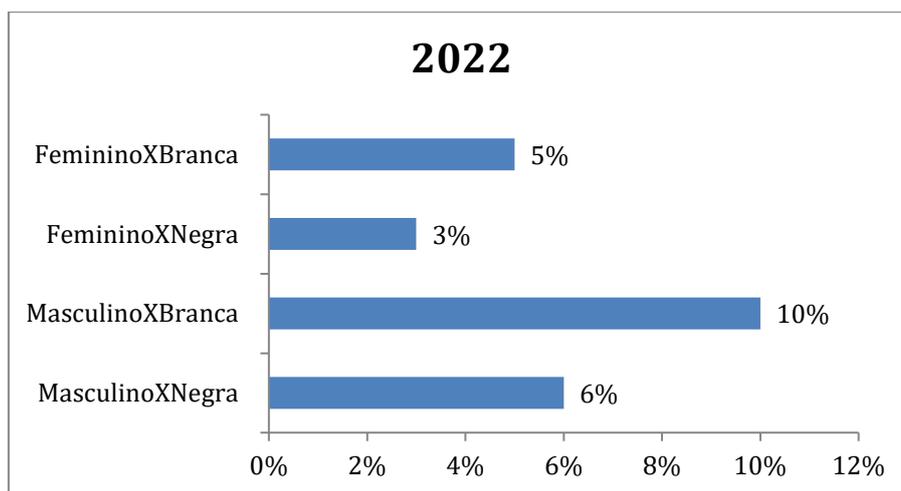
O caso das Assembleias Estaduais indica um cenário distinto daquele observado para a Câmara dos Deputados. Novamente, não há diferenças significativas entre eleições quanto à taxa de sucesso para mulheres, brancas ou negras, e homens negros. No entanto, o mesmo também ocorre para homens

brancos. Isto é, nesse caso todos os perfis se mantêm ao longo dos anos com patamares estáveis de taxa de sucesso eleitoral. Tendo em vista que, na variação de 2014 para 2022, houve redução no número de homens brancos eleitos para as Assembleias Legislativas e Distrital, a persistência dessa taxa indica uma coordenação a nível das candidaturas, no sentido de serem apresentadas apenas opções mais competitivas. É algo diferente do que parece ter se dado no caso de candidaturas para deputado federal, em que a tendência da taxa de sucesso acompanha o padrão de eleitos.

Gráfico 8 – Taxa de sucesso eleitoral de candidaturas às Assembleias Estaduais por gênero e raça² (2014, 2018, 2022)



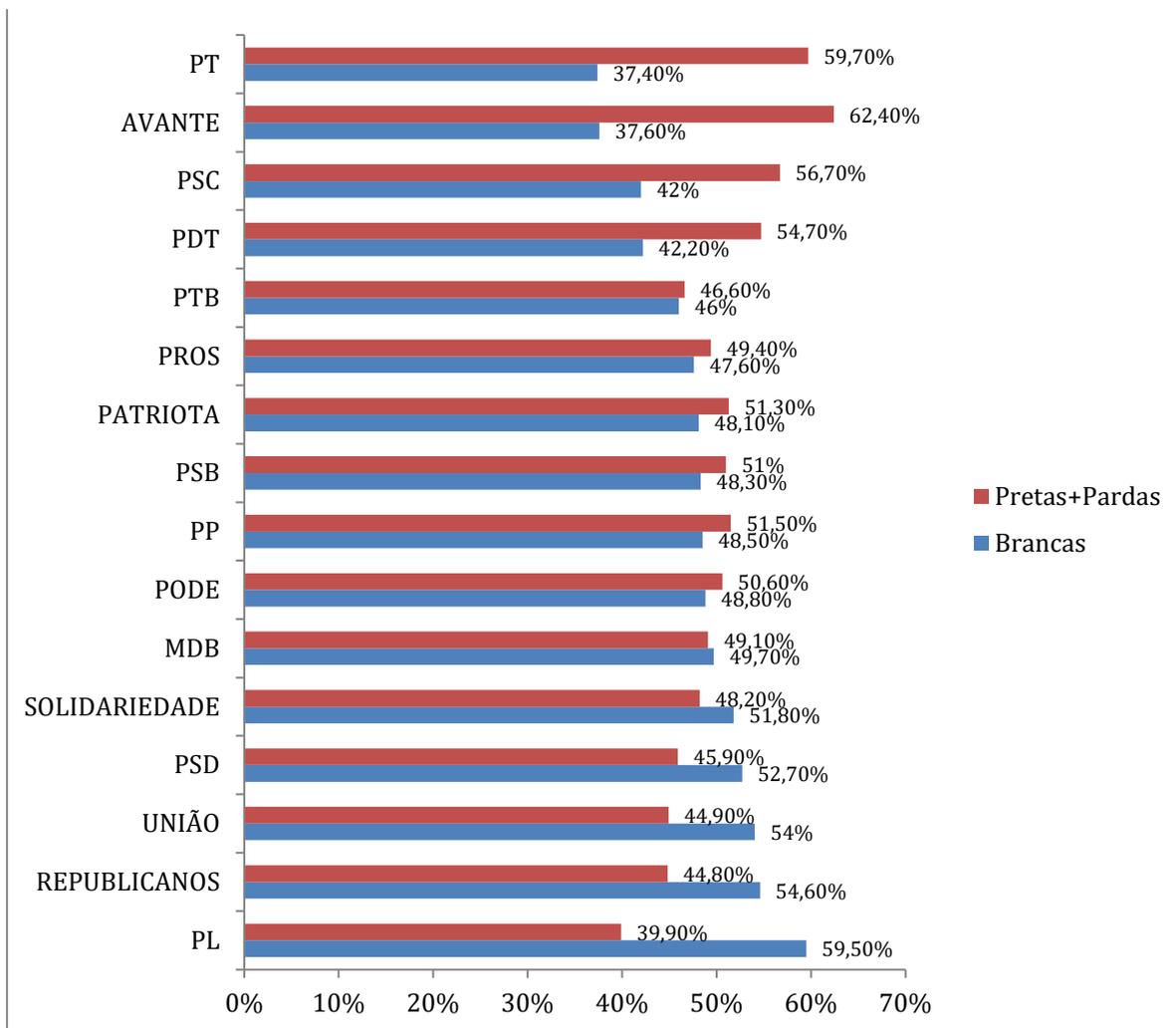
² Foram selecionados os partidos que apresentam maior quantidade absoluta de candidaturas, considerando aqueles com valor superior a mediana.



Fonte: as autoras, a partir de dados do TSE (13/12/2022)

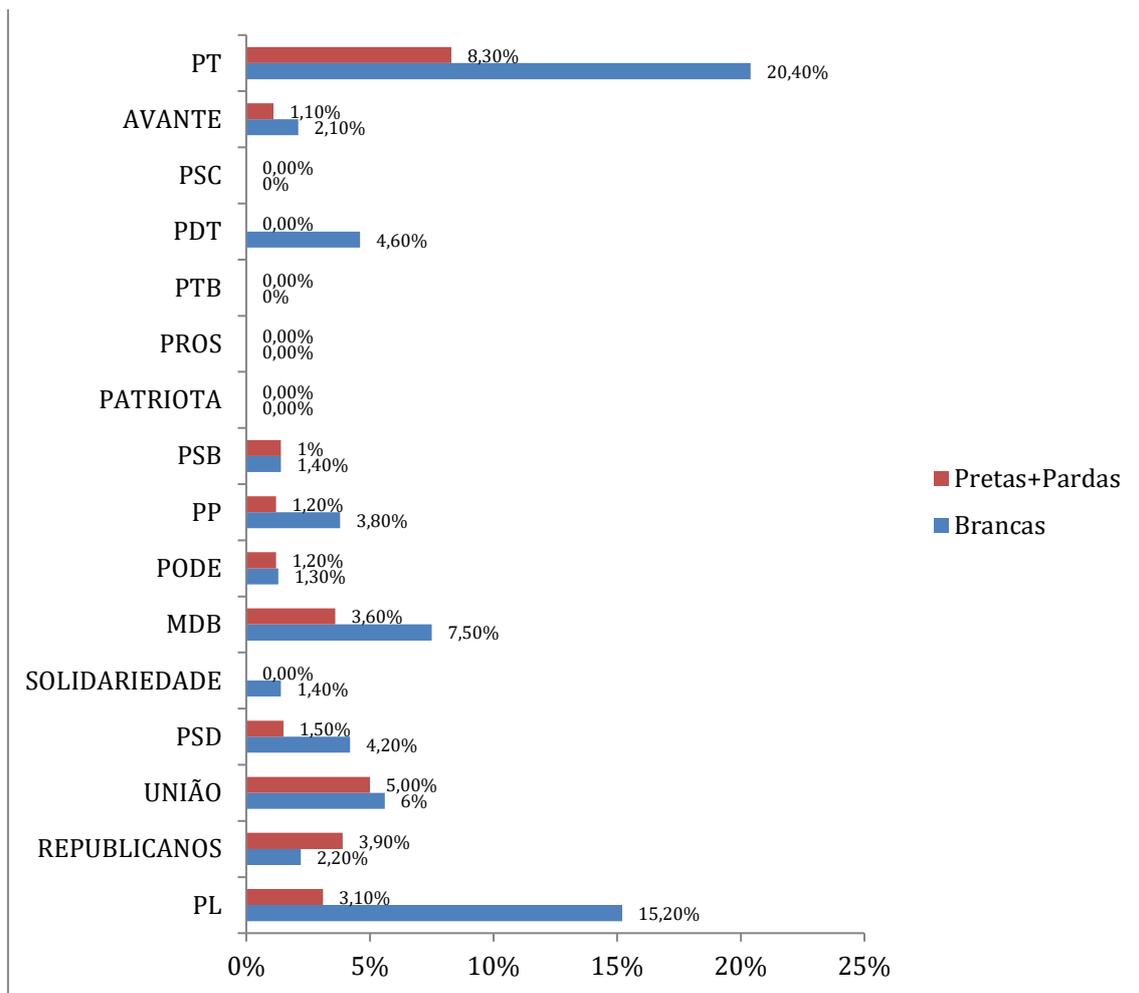
Ainda quanto à taxa de sucesso, ela permite avaliar as condições de competição ofertadas por partido político a diferentes perfis de candidaturas. Ao tratar especificamente das eleições de 2022, apesar de o PT ter apresentado o maior número de candidaturas de mulheres negras, em relação aos demais partidos selecionados, a taxa de sucesso delas esteve abaixo daquela observada para mulheres brancas no mesmo partido - que alcançaram valor de 20%, mais de seis vezes a taxa de sucesso média para o total de mulheres que concorreram ao cargo para a Câmara dos Deputados. Não obstante, deve-se ressaltar que o PT apresenta ainda a taxa de sucesso mais alta para mulheres negras entre os partidos analisados. À direita, o PL apresentou os valores mais elevados de taxa de sucesso para candidaturas de mulheres brancas, acima de 15%. Considerando-se todos os partidos analisados, tem a segunda taxa de sucesso mais alta para essas mulheres, atrás apenas do PT.

Gráfico 9 - Distribuição racial das candidaturas femininas para Deputada Federal e suas respectivas taxas de sucesso em 2022, por partido



Fonte: as autoras, a partir de dados do TSE (13/12/2022)

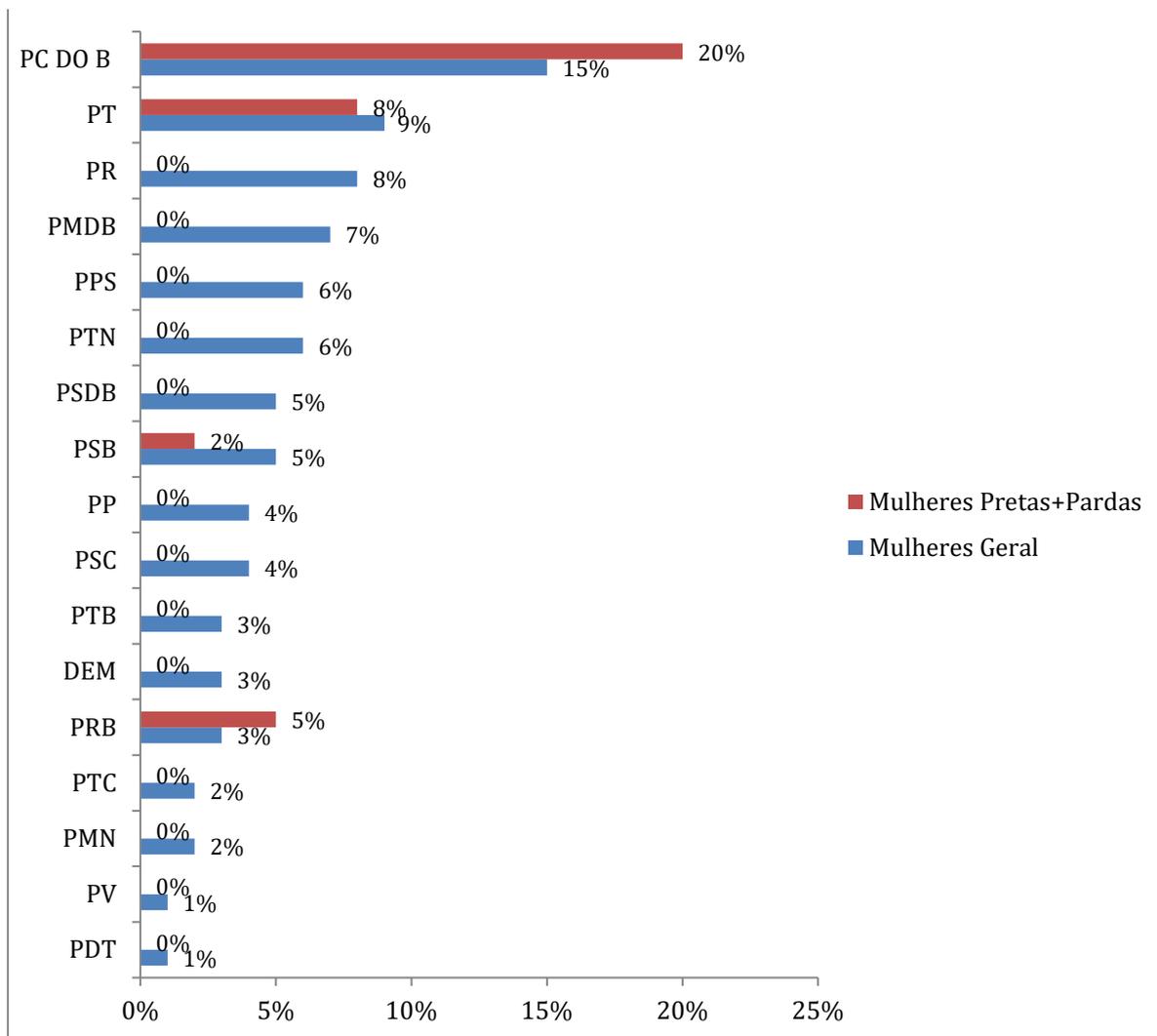
Gráfico 10 - Distribuição racial das candidaturas femininas para Deputada Federal e suas respectivas taxas de sucesso em 2022, por partido



Fonte: as autoras, a partir de dados do TSE (13/12/2022)

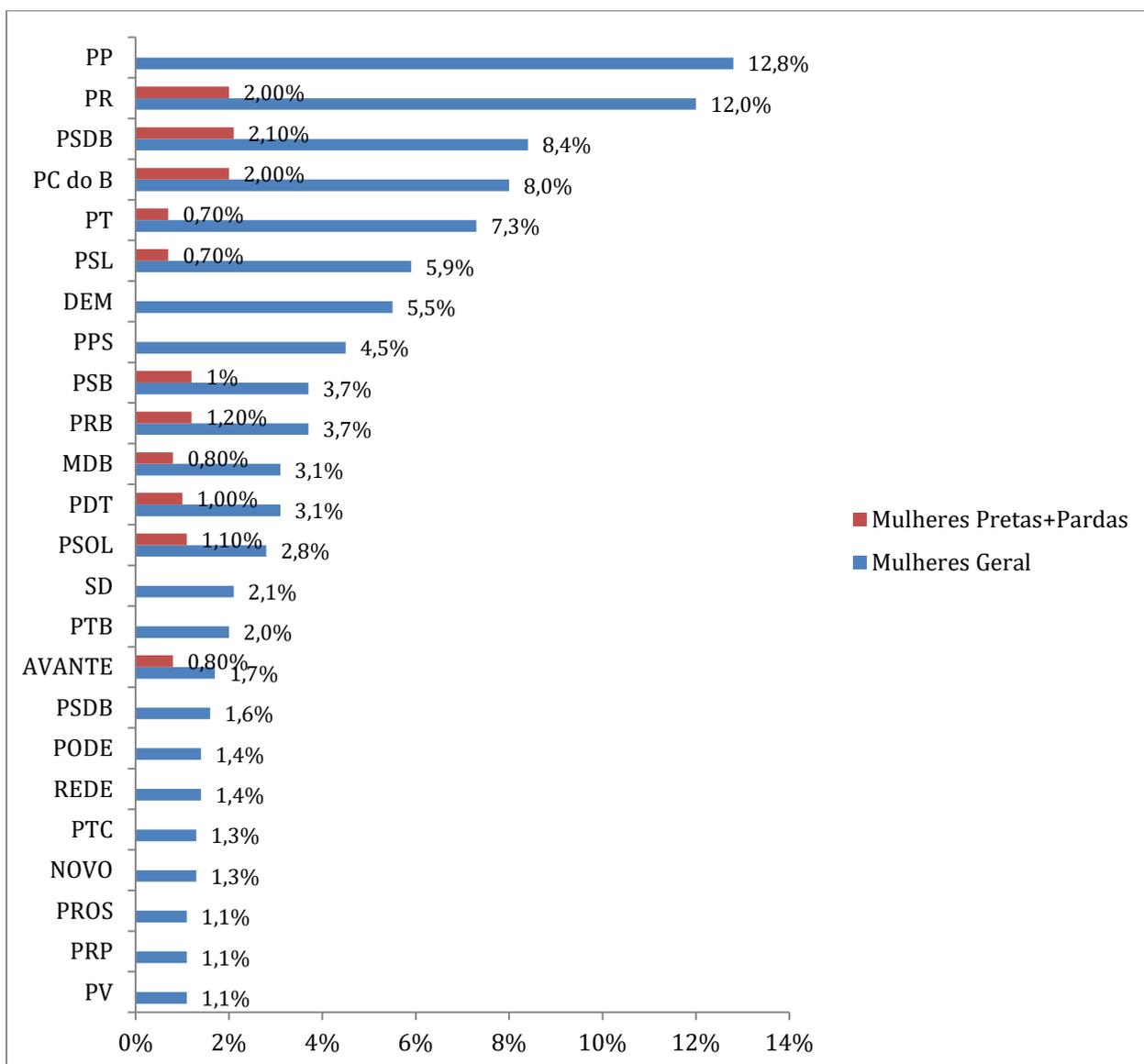
A única situação partidária em que houve taxa de sucesso mais elevada para mulheres negras em comparação a mulheres brancas ocorreu no Republicanos. Ainda com relação a essas informações, União Brasil, Podemos e PSB apresentaram valores próximos à situação de igualdade quanto à taxa de sucesso para mulheres brancas e negras.

Gráfico 11 - Taxas de sucesso das candidaturas femininas para Deputada Federal, por partido e raça/cor (2014)



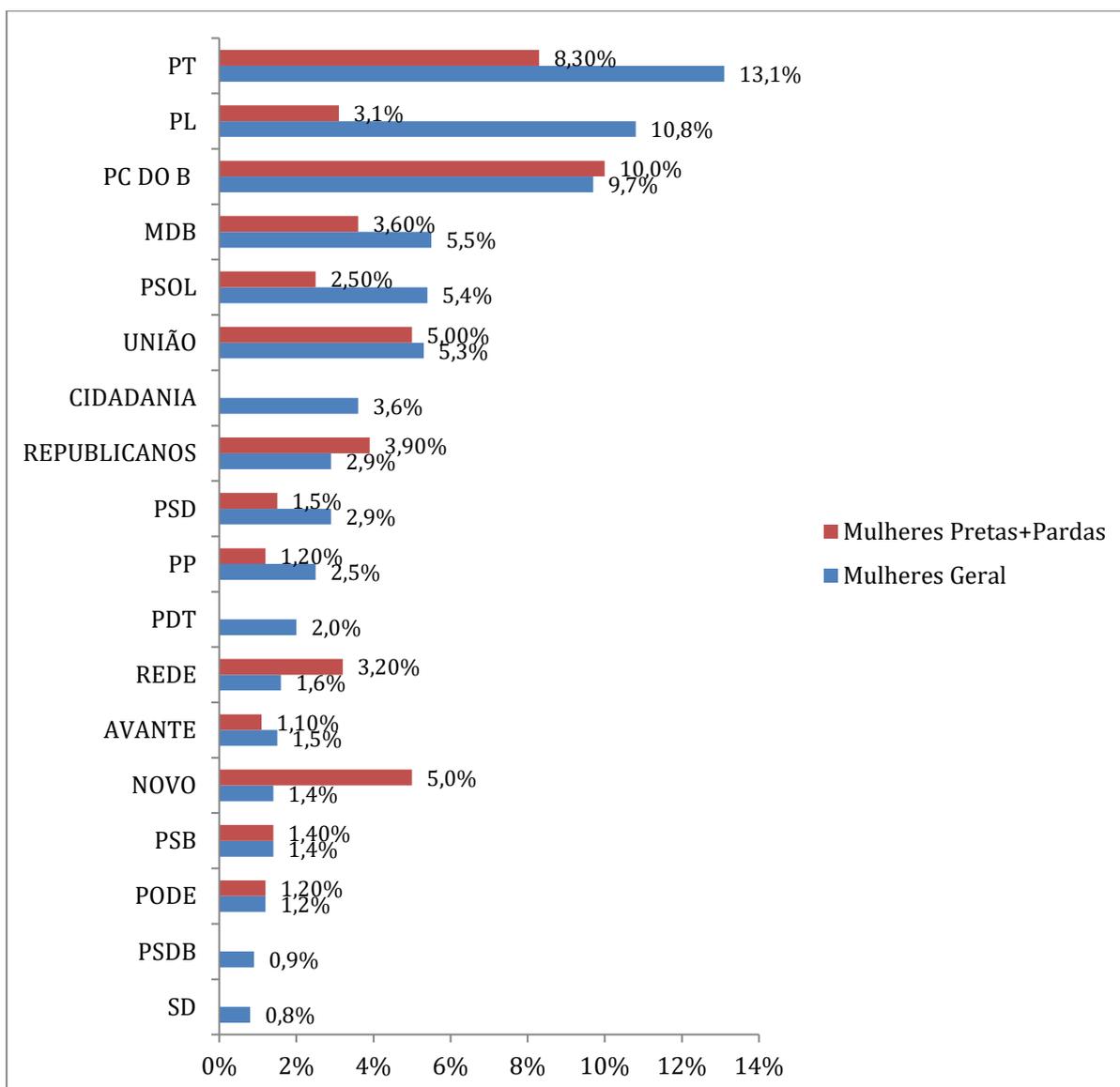
Fonte: as autoras, a partir de dados do TSE (13/12/2022)

Gráfico 12 - Taxas de sucesso das candidaturas femininas para Deputada Federal, por partido e raça/cor (em 2018)



Fonte: as autoras, a partir de dados do TSE (13/12/2022)

Gráfico 13 - Taxas de sucesso das candidaturas femininas para Deputada Federal, por partido e raça/cor (2022)



Fonte: as autoras, a partir de dados do TSE (13/12/2022)

Na comparação entre eleições, apenas PT, PC do B e PR/PL apresentaram taxas de sucesso consistentemente mais elevadas para as mulheres em geral, sempre apresentando taxas superiores a 8%. Apesar de, em 2018, o PP e o PSDB apresentarem valores elevados neste indicador, nas demais eleições, o desempenho dos mesmos foi abaixo da média do conjunto de partidos. A maior parte dos partidos varia entre valores baixos e intermediários, sendo possível destacar entre aqueles que têm as taxas mais baixas o Novo e o Podemos. Vale observar que o Podemos é presidido por uma mulher (deputada Renata Abreu) desde julho de 2017.

Com relação à taxa de sucesso para mulheres pretas e pardas, nas eleições de 2018, todos os partidos apresentaram valores baixos. A taxa mais elevada foi a do PSDB, com 2,1%. Contudo, na visão geral das três eleições, os destaques quanto às maiores chances de sucesso para mulheres pretas e pardas encontram-se, assim como para as mulheres em geral, entre PT, PCdoB e PR/PL³. Deve-se notar que entre esses partidos, apenas o PCdoB apresenta taxa de sucesso maior para mulheres pretas e pardas do que em comparação a mulheres do partido como um todo. Em 2022, essa mesma vantagem é percebida para Republicanos e Rede, porém os partidos apresentam taxa de sucesso intermediária, no caso do primeiro, e baixa, no caso do segundo, para mulheres, independentemente da categoria racial. Também cabe destacar o crescimento das taxas de sucesso para DEM/PSL/União Brasil (fundidos em 2022) e PMDB/MDB⁴, ao longo dos anos.

3. A ideologia das eleitas, por raça e gênero⁵

Tendo em vista a distribuição partidária apresentada acima, é possível condensar a informação das legendas em termos ideológicos. No contexto das eleições para o nível estadual, em 2014 a distribuição de eleitas, entre mulheres brancas ou negras, indicava um equilíbrio ideológico, apesar de haver um valor ligeiramente superior para partidos de esquerda entre mulheres negras. Em 2018 o equilíbrio ideológico de distribuição das mulheres brancas eleitas permanece, enquanto no caso das mulheres negras acentua-se a diferença entre os campos ideológicos, de tal forma que 42% dessas estão vinculadas a partidos de esquerda. Quanto às eleições de 2022, no caso de mulheres negras acentua-se a diferença, chegando a 50% de representantes da esquerda entre as eleitas desse perfil. No entanto, desfaz-se o equilíbrio entre mulheres brancas, com maior concentração de mulheres em partidos de direita (42%).

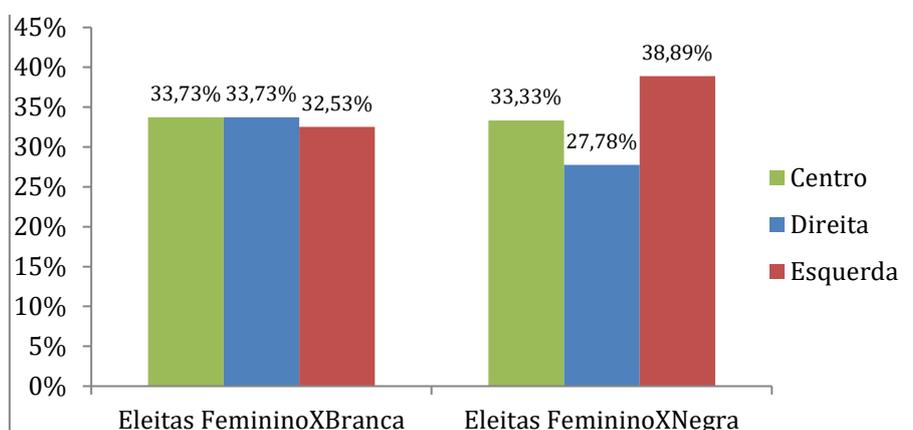
³ Em maio de 2019 o Tribunal Superior Eleitoral (TSE) autorizou a mudança de nome do Partido da República (PR) para Partido Liberal (PL).

⁴ Em fevereiro de 2022 o TSE autorizou a fusão do DEM e do PSL no União Brasil e em maio de 2018, a mudança de denominação do Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB) para Movimento Democrático Brasileiro (MDB)

⁵ Segue a classificação ideológica proposta pela equipe de pesquisa: partidos de esquerda (PDT, PT, PCdoB, PSB, PV, PSTU, PCB, PCO, PSOL, REDE e UP), partidos de centro (MDB, PSDB, PMN, CIDADANIA, PSD e SOLIDARIEDADE) e partidos de direita (PTB, AGIR, PSC, AVANTE, PP, PRTB, DC, PODEMOS, REPUBLICANOS, PL, PATRIOTA, PROS, NOVO, PMB, UNIÃO, PSL e DEM).

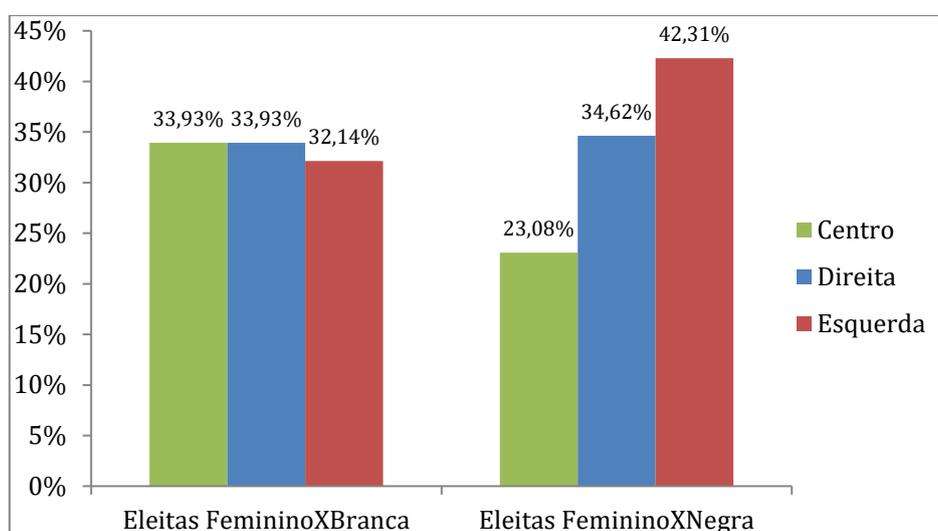
Com relação à disputa federal, em 2014, observou-se ligeira concentração de mulheres brancas eleitas por partidos de centro (36%) e de direita (34%), porém aquelas eleitas pela esquerda apresentam valor próximo, com 29%. As eleições seguintes, em 2018, apresentam uma distribuição comum, um crescimento da direita com redução do centro e estabilização da esquerda, sendo mantida essa situação em 2022. Com relação às representantes negras, em 2014, apesar do quantitativo baixo, chega a 80% a vinculação com partidos de esquerda. Nas eleições seguintes há uma redução dessa concentração na esquerda, na faixa de 50% das eleitas nesse perfil. É importante notar que o crescimento da direita torna-se mais evidente em 2022.

Gráfico 14 - Proporção de eleitas para Deputado Estadual, por ideologia e raça (2014)



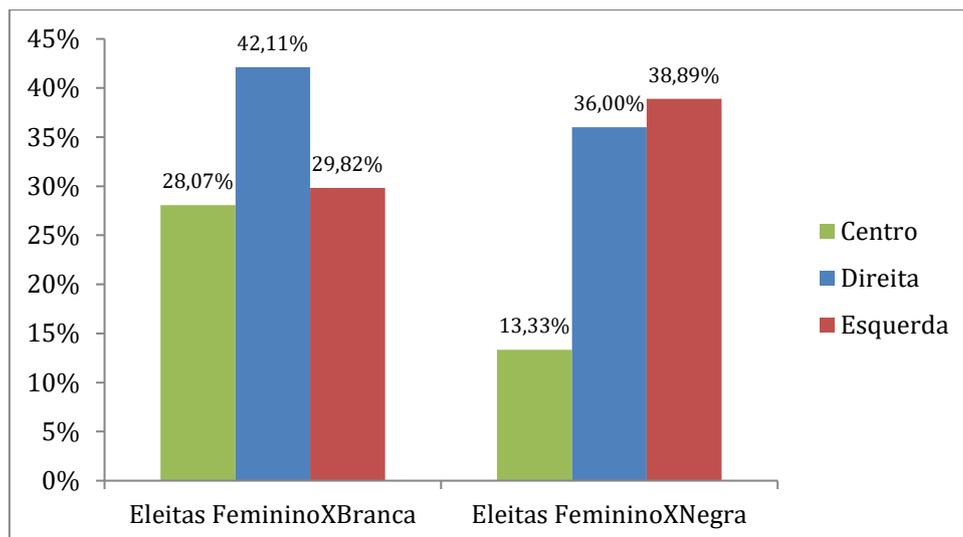
Fonte: as autoras, a partir de dados do TSE (13/12/2022)

Gráfico 15 - Proporção de eleitas para Deputado Estadual, por ideologia e raça (2018)



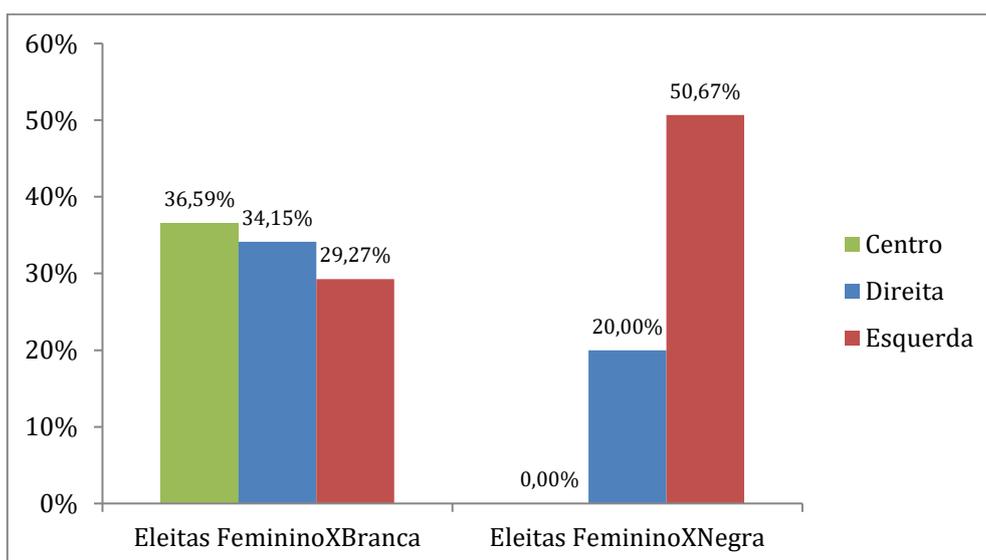
Fonte: as autoras, a partir de dados do TSE (13/12/2022)

Gráfico 16 - Proporção de eleitas para Deputado Estadual, por ideologia e raça (2022)



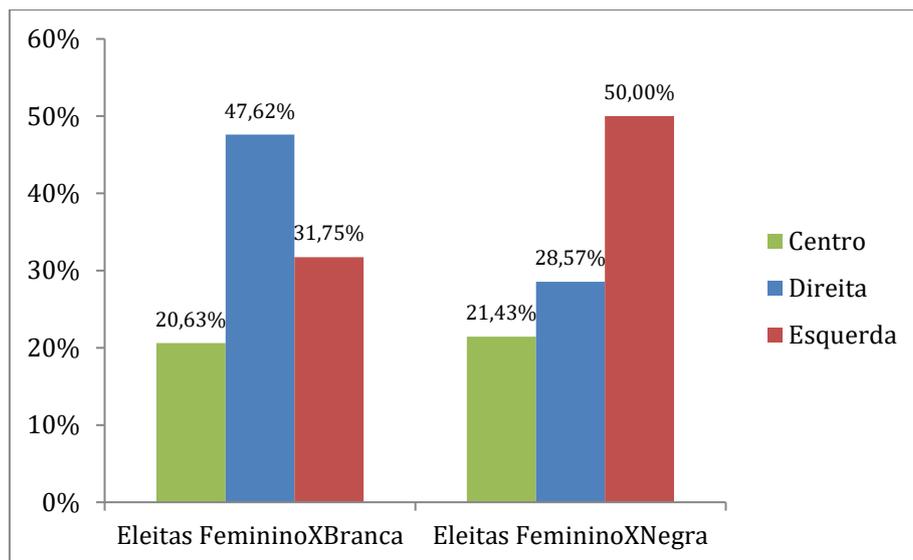
Fonte: as autoras, a partir de dados do TSE (13/12/2022)

Gráfico 17 - Proporção de eleitas para Deputado Federal, por ideologia e raça (2014)



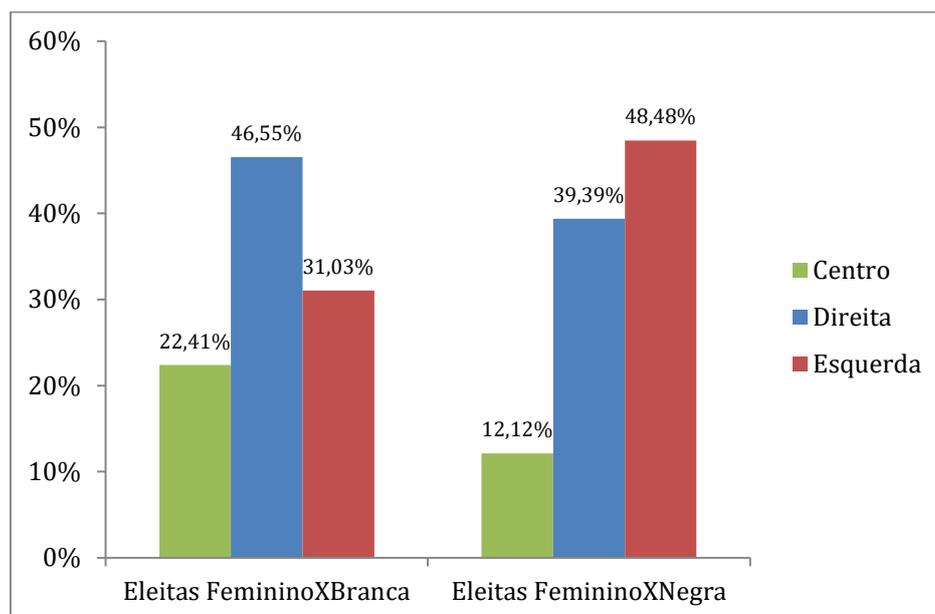
Fonte: as autoras, a partir de dados do TSE (13/12/2022)

Gráfico 18 - Proporção de eleitas para Deputado Federal, por ideologia e raça (2018)



Fonte: as autoras, a partir de dados do TSE (13/12/2022)

Gráfico 19 - Proporção de eleitas para Deputado Federal, por ideologia e raça (2022)

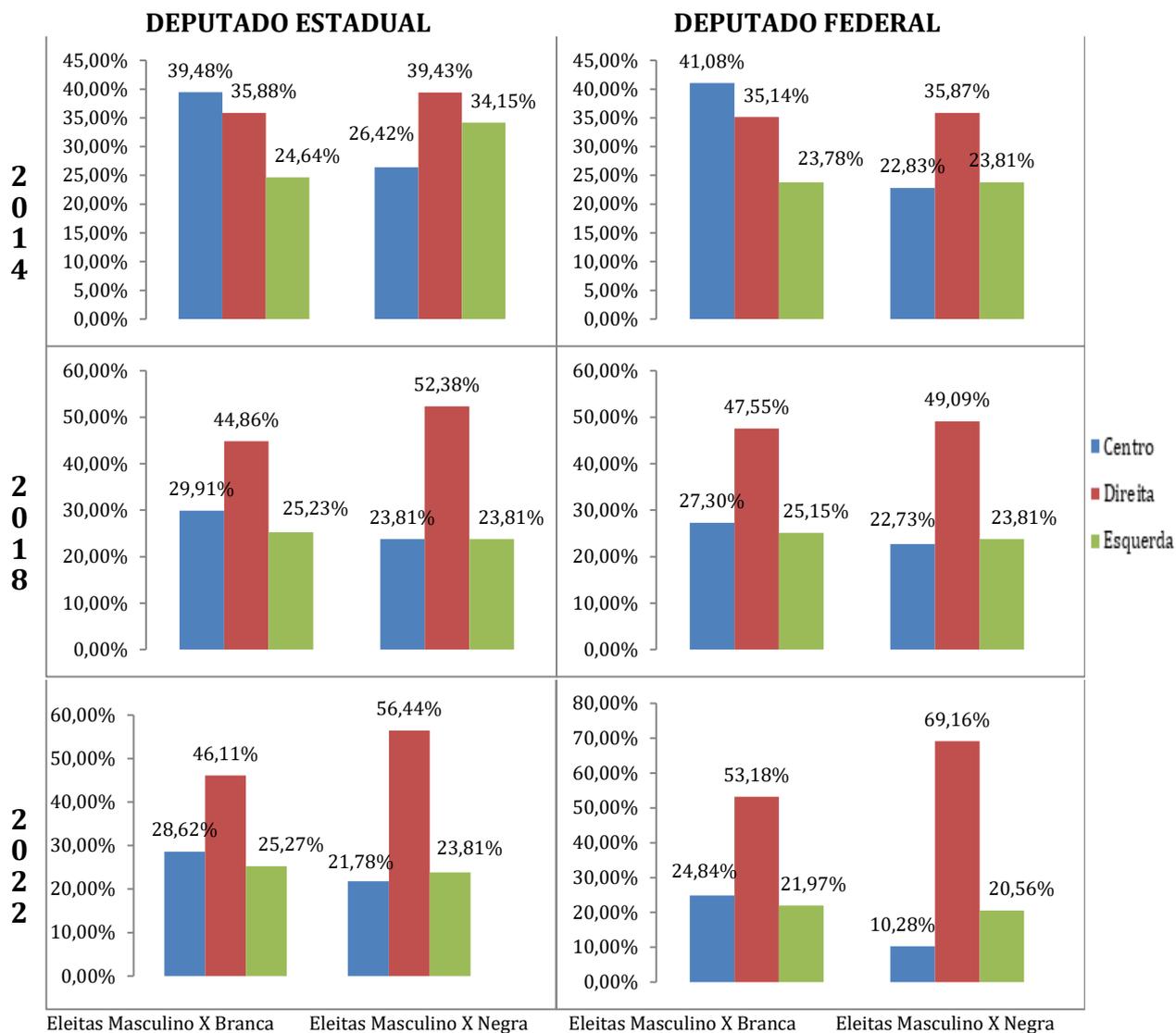


Fonte: as autoras, a partir de dados do TSE (13/12/2022)

No caso de homens brancos, nas eleições estaduais, a representação à esquerda se mantém na faixa de 25% em todas as eleições analisadas. Contudo, há um deslocamento do centro em 2014 para a direita em 2022, com uma maior concentração de homens brancos na direita (46,11%) do que aquela observada no centro em 2014 (39,48%). No caso de homens negros, há um predomínio da filiação à direita em todas as eleições, porém observa-se um crescimento, chegando ao total

de 56% de negros pelos partidos de direita em 2022. Essa ampliação da direita foi seguida por uma nítida retração da vinculação com partidos de esquerda, que representavam 34% das agremiações de homens negros eleitos em 2014, mas chegam apenas a 22% em 2022.

Gráfico 20 - Proporção de eleitos para Deputado Federal e Estadual, por ideologia e raça (2014, 2018 e 2022)



Fonte: as autoras, a partir de dados do TSE (13/12/2022)

Avaliar as diferenças estaduais na concorrência eleitoral e nas chances de vitória é central para traçar estratégias de fomento à expansão de candidaturas femininas, brancas e negras. Essa ação se faz necessária para construir um contexto

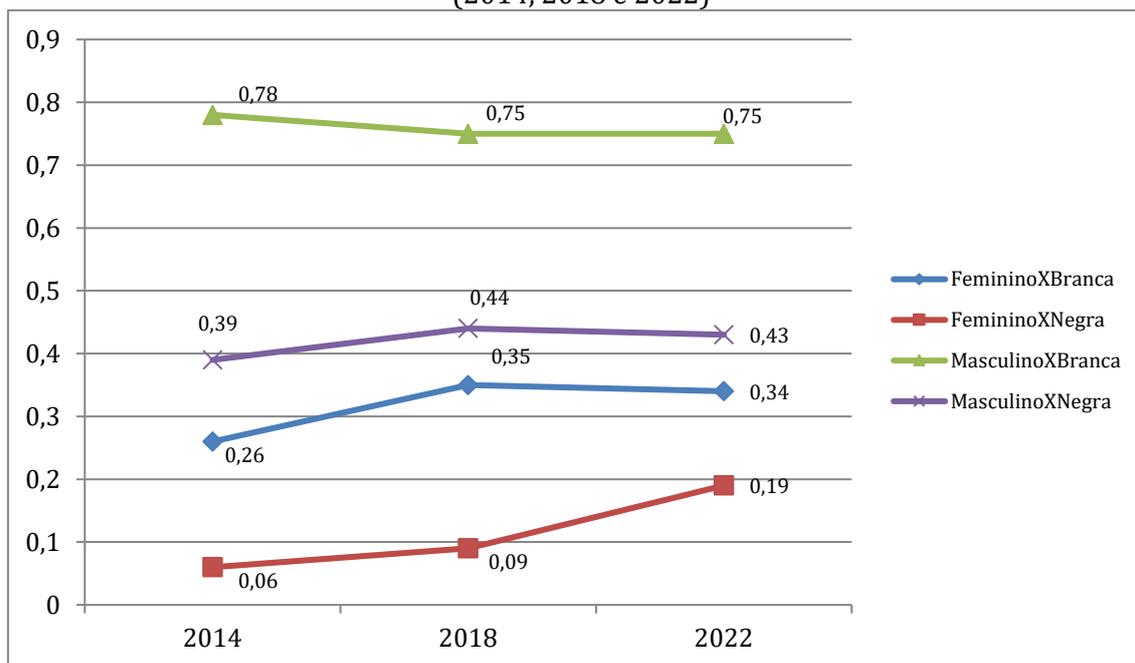
político democrático no Brasil, no qual todas as pessoas tenham o mesmo valor e chances semelhantes de ocupar posições de poder político. A distribuição de população feminina é uniforme em todo o país (dado que as mulheres são pouco mais de 50% da população em todo o território), mas, quanto a grupos raciais, este varia em cada unidade da federação (ou seja, a distribuição racial da população brasileira é muito variada, de acordo com a localidade). Dessa maneira, é necessário pensar em gênero de modo articulado com raça para entender como se dá o controle dos espaços de poder por homens brancos. Apesar das mudanças institucionais eleitorais voltadas para a inclusão, que foram exigidas pelas forças democráticas e executadas nos últimos anos, continuamos com uma Câmara dos Deputados com o perfil histórico de sobrerrepresentação masculina e branca.

As eleições para a Câmara dos Deputados apresentaram exatamente o mesmo padrão para homens brancos que aquele observado para este perfil no caso das eleições estaduais, mas com uma concentração maior de homens brancos nos partidos de direita em 2022 (53%). Para homens negros as eleições de 2014 apresentavam vantagem para a esquerda (41%), apesar de não muito distante da direita (35%). Porém, a partir de 2018, observa-se um padrão parecido ao das eleições para as casas estaduais, de fortalecimento da direita, chegando a 69% dos eleitos em 2022. Contudo, diferente do contexto estadual, apesar de a esquerda observar perdas maiores, o centro também sofre uma retração significativa.

4. A disparidade territorial das eleitas, por raça e gênero

Nas análises a seguir, apresentamos gráficos e mapas baseados em um índice de disparidade entre eleita(o)s e candidaturas. Nele, o valor 0,50 significa pleno equilíbrio; valores superiores a 0,5, sobrerrepresentação; e menores do que 0,5, sub-representação, no comparativo de candidaturas. Valores em amarelo indicam igualdade entre a proporção de candidaturas eleitas e a distribuição desse grupo nas candidaturas registradas. Como se pode ver no mapa apresentado em seguida, quanto mais avermelhado, mais sobrerrepresentado aquele grupo; quanto mais azulado, maior sua sub-representação. Nos mapas, trazemos apenas as informações sobre candidaturas de *mulheres e homens, branco(a)s e negro(a)s*, a fim de facilitar a comparação entre os grupos com maior quantitativo de candidaturas.

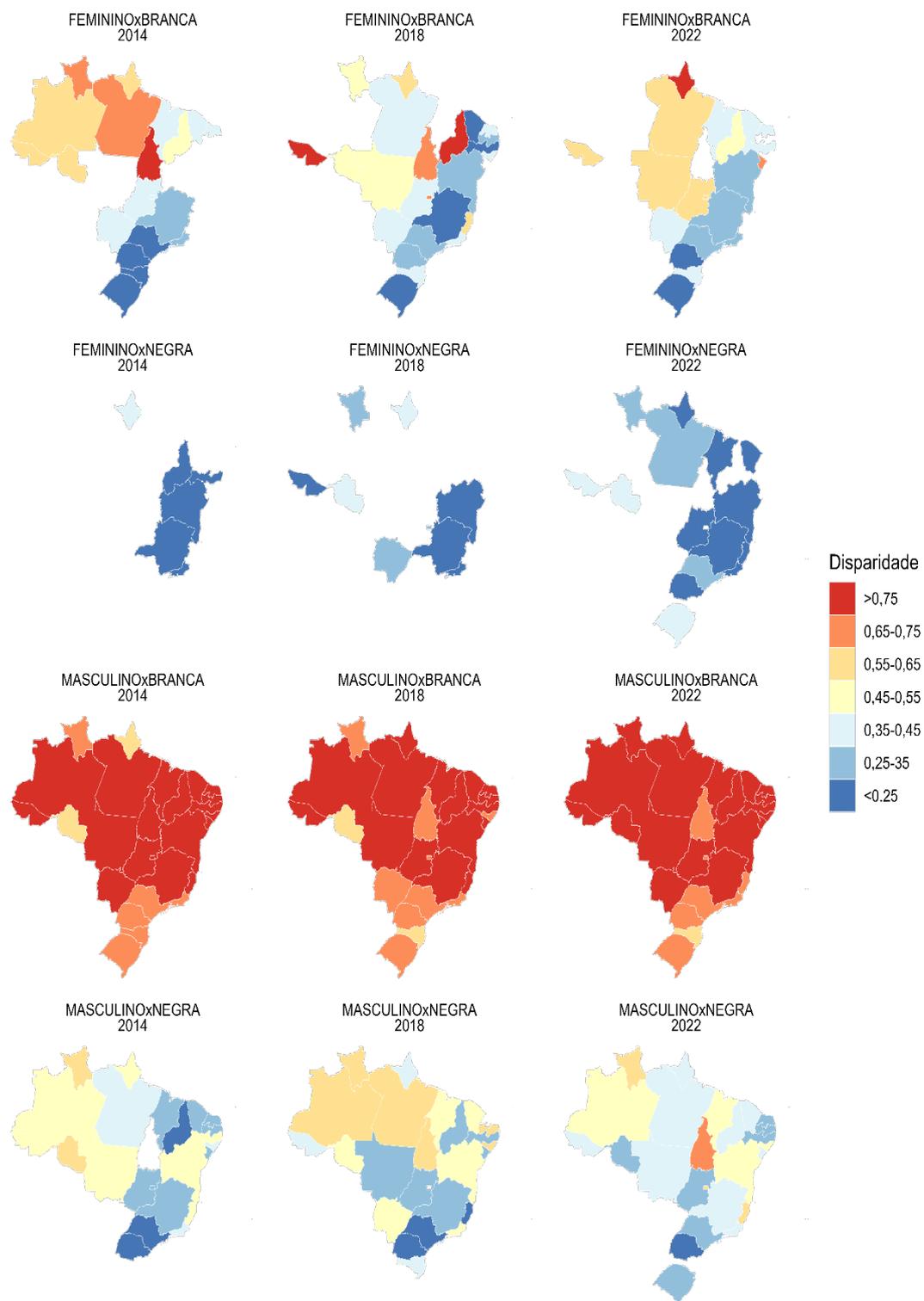
Gráfico 21 – Índice de disparidade de eleitas para Deputado Federal, por gênero e raça (2014, 2018 e 2022)



Fonte: as autoras, a partir de dados do TSE (13/12/2022)

A análise agregada para todo o Brasil mostra um pequeno avanço entre 2014 e 2022. Passamos de 0,06, em 2014, para 0,09, em 2018, chegando a 0,19 de disparidade para as candidaturas de mulheres negras em 2022. Quanto aos homens brancos, estes observaram 0,78 em 2014, passaram a 0,75 em 2018, mantendo o mesmo valor em 2022. Cabe lembrar que essas mudanças não ocorrem nas mesmas proporções em todo país.

Gráfico 22 – Mapas da disparidade das eleitas para Deputado Federal, por gênero e raça (2014, 2018 e 2022)



Fonte: as autoras, a partir de dados do TSE (13/12/2022)

Com relação a homens brancos, não há mudanças intensas entre as eleições analisadas, mas, em 2022, a vantagem deles se amplia em Sergipe, Amapá e Mato Grosso do Sul, enquanto uma redução ocorre apenas no Espírito Santo. A sobrerrepresentação dos homens brancos não sofreu queda entre 2014 e 2022 - ao contrário, estabilizou-se em um patamar elevadíssimo. Em todos os estados e Distrito Federal (DF), há uma marcante sobre-presença de homens brancos. Apenas em Santa Catarina, um estado com baixo percentual de população não-branca, a sobrerrepresentação deste grupo é menos intensa, mas, ainda assim, verificável.

No caso de homens negros, de 2014 para 2018, percebe-se um aumento de representação, principalmente, nas regiões Norte e Nordeste, as quais já se apresentavam como locais de maior igualdade da proporção de eleitos e candidaturas. Nessas duas eleições, os estados do Centro-Sul apresentaram valores elevados de sub-representação. Nas eleições de 2022, existem diversos efeitos contrastantes, que demandam atenção pormenorizada no futuro. Norte e Nordeste apresentaram aumento ou manutenção do nível da sub-representação de forma geral, à exceção de Piauí. No restante do país, Mato Grosso, Minas Gerais, São Paulo e Rio Grande do Sul reduziram as disparidades. Contudo, Mato Grosso do Sul e Santa Catarina deixaram de ter representação de homens negros, e, no Rio de Janeiro, a disparidade negativa aumentou. Nestes contextos, apenas DF e Espírito Santo apresentaram ganhos na representatividade masculina negra.

Quanto às mulheres brancas, nas eleições analisadas, há um cenário persistente de melhor representação na Região Norte e sub-representação no Centro-Sul do país. O caso a apresentar maior variação entre as eleições é o Tocantins, onde uma situação de sobrerrepresentação em 2014 é substituída pela ausência de representação de mulheres brancas em 2022. Do mesmo modo, Tocantins em 2014, Piauí e Acre em 2018 e Amapá em 2022 apresentam índice de disparidade acima de 0,75. O estudo da história eleitoral desses estados destacados pode auxiliar na compreensão dos processos de ampliação da representação feminina branca, no caso do Amapá; de redução para Tocantins; e processos com maior variabilidade, nos casos de Piauí e Acre. Deve-se notar que os cenários mais positivos para mulheres brancas, em 2022, se deram no corredor central do Brasil, partindo do Amapá e chegando a Goiás. Tendo em vista a ampla representação de partidos de direita e de políticos ligados aos interesses agropecuários em todos

esses estados, é possível que esse seja um perfil acompanhado pela representação feminina dessa região. Por fim, os grandes colégios eleitorais do litoral, da Bahia até o Rio Grande do Sul, apresentaram maior disparidade negativa para mulheres brancas, independentemente do pleito observado.

A situação das mulheres negras pelo país mostra o evidente desafio que precisamos enfrentar para garantir equilíbrio e justiça na representação. Para mulheres negras, a sub-representação é a regra: não se observa nenhuma situação em que o índice de disparidade seja superior a 0,45. Em 2014 e 2018, observa-se um vazio da representação de mulheres negras, delineado por um conjunto de estados. Em 2022, há uma redução das desvantagens em várias unidades da federação (UFs), com destaque para Rio Grande do Sul, Acre e São Paulo. Nestas eleições, permanecem vários estados sem representação de mulheres negras, com destaque para a região Centro-Oeste, na qual apenas Goiás tem representação feminina negra, mesmo assim, com índice de disparidade abaixo de 0,25.